

Despoluição do Paranoá

DF-Paranoá

A inauguração das duas novas estações de tratamento de esgotos em Brasília, as únicas da América Latina a processar dejetos terciários, marca o início do programa destinado a despoluir o lago Paranoá. É notório que, entre os problemas urbanos, a contaminação das águas nesse reservatório artificial situa-se entre os mais graves. A falta de saneamento básico, em alguns casos, e o seu precário funcionamento, em outros, são as causas primárias da poluição.

Sabe-se que o Governo do Distrito Federal já negociou com o Banco Internacional de Reconstrução e Desenvolvimento (Banco Mundial) metade dos recursos em dólares para cobrir as despesas com a recuperação da área. Contudo, o ajuste fiscal proposto pelo Executivo ao Congresso, a fim de sanear as finanças públicas na órbita federal, cortou importantes fluxos de recursos para o DF, regularmente mantidos pela União. Não se sabe exatamente como a administração local irá comportar-se daqui por diante, considerada a emergência do corte no suprimento de receitas essenciais.

Ao certo, fica a convicção de que a restituição do lago aos estágios originais de preservação ecológica, por se tratar de questão da mais elevada prioridade, não pode sofrer solução de continuidade. Conforta saber que é exatamente essa a noção predominante no âmbito do GDF, tanto que a inauguração das estações de tratamento de esgoto foi imediatamente vinculada ao problema, embora as obras tenham destinação bem mais ampla e comportem ser vistas no plano geral de melhoria dos equipamentos urbanos de todo o Distrito Federal.

De fato, as áreas imediatamente beneficiadas, o Setor Militar Urbano, Cruzeiro (Novo e Velho), Setor de Indústrias e Abastecimento, Áreas Sudoeste e Octogonal, Candangolândia, Núcleo Bandei-

rante e Guará, bem assim parte do Plano Piloto, passaram a contar com as mais favoráveis condições de saneamento. As lagoas de oxidação do Guará, depósitos dos detritos da população local, já podem ser desativadas e, em consequência, deixarão de colocar em risco a saúde de milhares de pessoas. O registro de que as estações de tratamento têm capacidade para servir a um milhão de pessoas dá bem a medida de sua importância em relação à qualidade de vida urbana.

Quanto ao lago especificamente, item prioritário nas políticas de saneamento, diga-se que as unidades de processamento agora inauguradas estão aptas ao tratamento de substâncias sólidas e nutrientes, entre estas o fósforo e o nitrogênio. Como se sabe, tais componentes químicos respondem pela alimentação das algas no lago Paranoá, causa principal da saturação de suas águas.

Então, repita-se, os programas de despoluição ganham um reforço substancial. Mas é fundamental que as obras de saneamento nas adjacências da massa líquida sejam concluídas com a maior rapidez, pela óbvia circunstância de representar grave disfunção urbana e um risco à saúde pública absolutamente intolerável.

Não se deve, contudo, atirar totalmente às costas do poder público a solução do problema. A comunidade diretamente interessada no encaminhamento da questão, ou seja, os moradores dos lagos Norte e Sul, precisam assumir atitude de colaboração e hábitos mais civilizados. Enquanto não se concluem os trabalhos de despoluição, é imperioso evitar a contaminação das águas com sua transformação em lixeira e depósito de toda sorte de efluentes sanitários. Afinal, agressão ecológica de semelhante porte gera desconforto e ameaça para todos os segmentos da população, próxima ou distante do lago.